PLACAR
Editora Abril
SETEMBRO/1991
Cr$ 1 100,00
SÉRIE GRANDES ÍDOLOS
7
RAÍ
O capitão do São Paulo campeão brasileiro
Todos os gols do meia pelo Tricolor
Outro superposter para a sua coleção
Coca-Cola

# O PENSADOR TRICOLOR

**Em grande fase, o capitão e organizador são-paulino ainda é o representante dos jogadores no clube e dirigente sindical**

**Por PAULO VINICIUS COELHO**

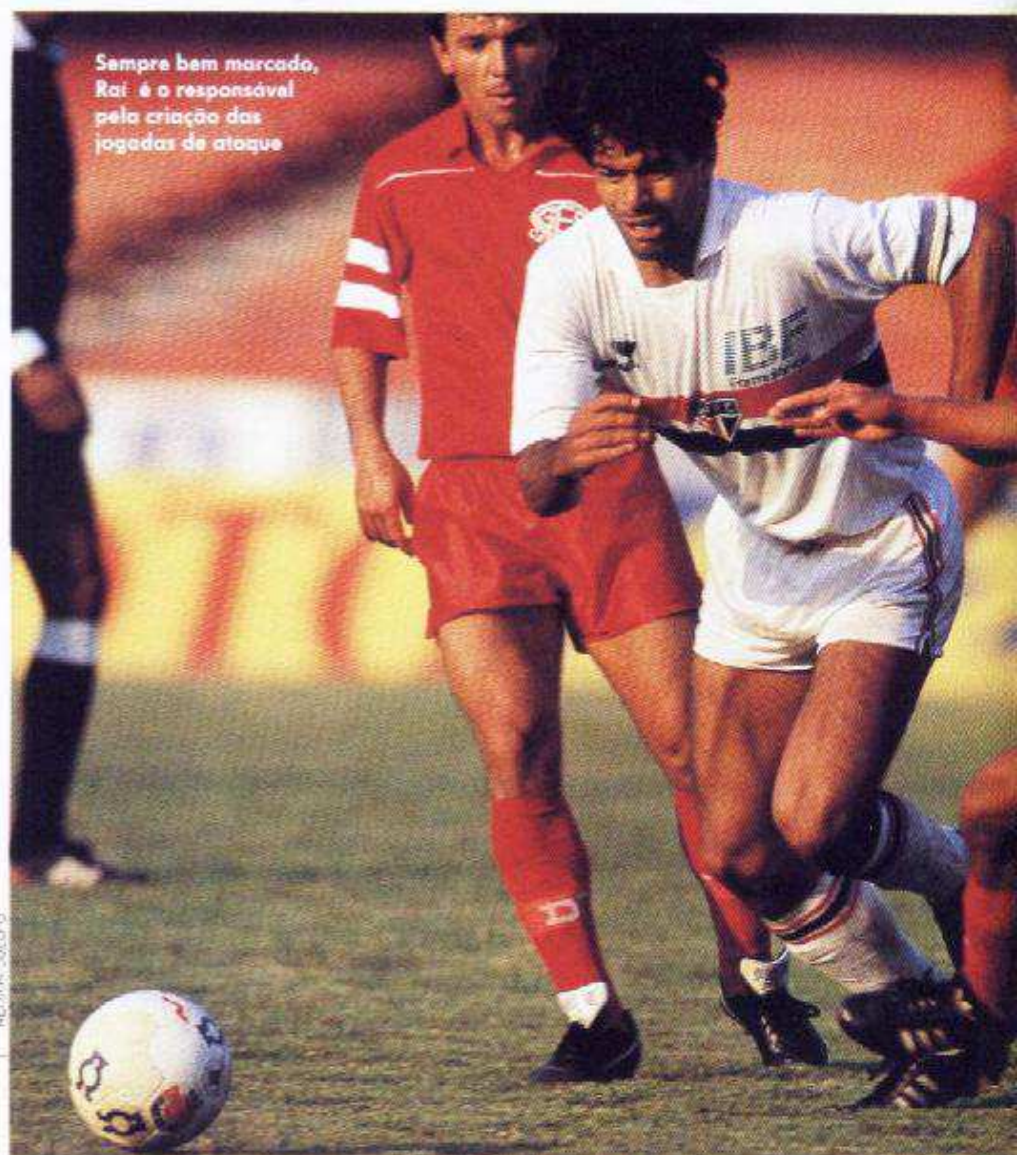
A primeira imagem é a de um homem frio e pouco disposto a uma conversa mais longa. As frases curtas, entremeadas por gestos medidos, parecem demonstrar que o sucesso lhe subiu à cabeça. Mas o jeito quase monossilábico de Raí Souza Vieira de Oliveira na verdade expressa um misto de equilíbrio e timidez. A cabeça erguida, que poderia significar prepotência, é prova unicamente de sua segurança. A parede construída em torno do ídolo só não esconde uma coisa: sua forma séria de se comportar, sinal de um profissional obstinado, que busca o máximo 24 horas por dia.

"Raí parece nunca se cansar de buscar a perfeição", atesta o preparador físico do São Paulo, Moraci Santana. E sempre foi assim. Desde a infância, em Ribeirão Preto, a família já percebia que o apelido de Pivete, dado carinhosamente pelo irmão mais velho, Sócrates, não cabia bem no caçula. "Ele sempre levou tudo muito a sério", conta Sócrates. Desde que pisou pela primeira vez no Estádio Santa Cruz, Raí já mostrava a marca que caracterizaria sua carreira — o caráter —, não permitindo que o apresentassem como irmão do craque corintiano. "Raí sempre joga limpo", elogia a mulher, Cristina, com quem se casou há nove anos. Mas foi somente depois do casamento precoce — aos 17 anos devido à gravidez da então namorada — que veio a decisão definitiva de seguir a carreira de jogador. Precisando de uma profissão para sustentar a família, ele optou pelo que estava mais próximo.

Dali em diante foi só manter a natureza de sua personalidade para se aperfeiçoar a cada dia. Após a chegada de Telê Santana ao São Paulo, há um ano, essa luta para atingir o auge se tornou ainda mais feroz. Hoje, além de criativo, Raí é também combativo, a ponto de fazer três desarmes completos por jogo — quando rouba e mantém a bola sob seu

## AS CONQUISTAS

**SANTO MAIS FORTE**
Na decisão do Paulista de 1989, contra o São José, o São Paulo levou a melhor

**CHEGA DE SER VICE**
Depois de perder os Brasileiros de 1989 e 90, a vitória em Bragança

Sempre bem marcado, Raí é o responsável pela criação das jogadas de ataque

OR_ANDO KISENER

Nas graças da torcida, o meia às vezes consegue vencer a distância para sentir este carinho

controle —, média considerada altíssima pelo preparador físico Moraci Santana, principalmente levando-se em conta o fato de ser armador.

O crescimento com Telê não aconteceu apenas na marcação. Desde o começo deste ano, Raí passou a revelar seu talento de artilheiro, marcando onze vezes — desde que chegou ao São Paulo marcou 34 *(veja quadro)*. Longe de ser uma casualidade, essa foi mais uma das decisões do craque. "Ano passado ele tinha certeza de que explodiria em 1991 e voltaria à Seleção, usando os gols como arma", conta Cristina. "Por tudo isso, hoje ele é o melhor jogador do Brasil", garante o técnico Telê Santana.

Ser apenas o melhor com a bola nos pés, no entanto, não é suficiente para esse homem cuja inteligência é elogiada até mesmo pela aristocrática diretoria são-paulina. Assim, depois de cursar o primeiro ano das faculdades de História e Fisioterapia, Raí não se cansa de procurar maneiras de exercitar o pensamento. "O futebol é uma atividade apenas física. É preciso forçar a cabeça para não deixá-la atrofiar", argumenta. Assim, ao contrário da maioria dos jogadores, é comum encontrar um livro em sua cabeceira ou vê-lo conversando à vontade sobre temas como política ou cinema.

Um comportamento que não deixa dúvidas de que terá sucesso quando abandonar os campos, o que pretende fazer por volta dos 33 anos. Resta definir a atividade a exercer. Opções não lhe faltam. Da volta aos cursos de História e Fisioterapia a cuidar somente da confecção que mantém em sociedade com o cunhado Álvaro. "Ainda estou me definindo para, quando abandonar o futebol, exercer bem outra atividade", proclama. Até lá, a torcida do São Paulo continuará tendo a tranqüilidade de saber que a camisa 10 de seu time pertence a um jogador que está em evolução constante. Esperança de um bom motivo para aplaudir a equipe a cada jogo.

## Mais gols em 91

| Data | Placar | Adversário | Gols |
|---|---|---|---|
| 28/10/87 | 2 × 0 | Goiás | 1 |
| 09/03/88 | 5 × 0 | América-SP | 1 |
| 19/03/88 | 2 × 1 | Ferroviária | 1 |
| 04/06/88 | 4 × 0 | Mogi-Mirim | 1 |
| 26/06/88 | 2 × 2 | Corinthians | 1 |
| 29/06/88 | 2 × 0 | Santos | 1 |
| 24/09/88 | 1 × 0 | América-RJ | 1 |
| 20/11/88 | 2 × 1 | Vitória | 1 |
| 24/11/88 | 2 × 1 | Flamengo | 1 |
| 18/12/88 | 1 × 1 | Goiás | 1 |
| 1.º/03/89 | 3 × 0 | Mogi-Mirim | 1 |
| 17/06/89 | 3 × 2 | Guarani | 1 |
| 21/06/89 | 2 × 0 | Bragantino | 1 |
| 19/11/89 | 2 × 0 | Cruzeiro | 1 |
| 23/11/89 | 3 × 1 | Fluminense | 1 |
| 03/12/89 | 3 × 1 | Grêmio | 1 |
| 17/02/90 | 1 × 0 | Catanduvense | 1 |
| 18/04/90 | 4 × 0 | São José | 1 |
| 20/09/90 | 2 × 1 | Inter-RS | 1 |
| 24/10/90 | 4 × 0 | Vitória | 1 |
| 28/10/90 | 1 × 0 | Flamengo | 1 |
| 05/12/90 | 2 × 0 | Grêmio | 2 |
| 17/02/91 | 1 × 2 | Santos | 1 |
| 03/03/91 | 2 × 1 | Atlético-PR | 1 |
| 06/03/91 | 1 × 2 | Náutico | 1 |
| 28/04/91 | 2 × 0 | Sport | 1 |
| 1.º/05/91 | 2 × 1 | Vitória | 1 |
| 12/05/91 | 3 × 1 | Cruzeiro | 1 |
| 28/07/91 | 4 × 0 | Juventus | 1 |
| 07/08/91 | 5 × 2 | Marília | 2 |
| 17/08/91 | 3 × 1 | Noroeste | 2 |

NELSON COELHO

Vibração: constante nesta temporada

# CLASSE NOS CAMPOS PAULISTAS

Do Botafogo de Ribeirão Preto ao São Paulo, passando pela Ponte Preta, um estilo inconfundível

Podem chamá-lo de lento, dizer que seus toques atrasam os ataques de seu time e até afirmar que ele nunca deixará de ser simplesmente o irmão do Sócrates. Basta analisar sua trajetória pelos clubes em que passou, porém, para perceber sua importância em qualquer equipe. Que o diga a torcida corintiana, a primeira a sofrer na pele o talento do caçula de uma família que se cansara de lhe dar alegrias — os Vieira de Oliveira. Na noite de 9 de abril de 1986, Raí calou todo o Pacaembu marcando três vezes nos 4 x 4 de seu Botafogo contra o Corinthians, pelo Campeonato Paulista.

Em Ribeirão Preto, Raí permaneceu de 1981, quando chegou aos juvenis do Botafogo, até sua transferência para o São Paulo, em setembro de 1987.

A estréia no time principal aconteceu no Paulistão de 1984, lançado pelo técnico Hegydio Nunes, contra o Santos, na Vila Belmiro. Mas foi entre 1986 e 1987 que alcançou sua melhor fase. Treinado por Pedro Rocha, Raí chamou a atenção dos homens da CBF e foi convocado para a Seleção Brasileira pela primeira vez. "Pedro Rocha foi o meu melhor técnico no Botafogo", opina.

Antes disso, Raí teve uma passagem discreta pela Ponte Preta, emprestado pelo Botafogo, para disputar o Campeonato Brasileiro de 1986. Uma fratura na perna, no entanto, o impediu de mostrar seu futebol de passes perfeitos e rara habilidade nos quatro meses em que esteve em Campinas. No São Paulo, onde estreou contra o Grêmio em outubro de 1987, viria a consagração definitiva. Depois de um período de adaptação que incluiu a improvisação como volante e centroavante pelo técnico Cilinho, ele deu a volta por cima para conquistar o título paulista de 1989 e o Brasileiro de 1991. Tudo isso, além de se sagrar vice-campeão brasileiro de 1989 e 1990 e garantir seu lugar no coração da torcida são-paulina como seu principal ídolo. Hoje, completamente amadurecido, ele é o líder de um time de jovens promessas e uma segurança para os tricolores, que sabem que, com Raí a orientá-las, poderão ter dentro de muito pouco tempo uma equipe novamente recheada de estrelas.

DESCOBERTO PARA A SELEÇÃO

Com a camisa do Botafogo de sua cidade, Raí despontou e foi convocado pela primeira vez

SERGIO BEREZOVSKY

RICARDO CORRÊA

TÍTULOS QUE FALTAVAM

Mas foi no Morumbi que ele se firmou como craque, ganhando um Paulista e o Brasileiro deste ano

QUEBRA DE CONTINUIDADE

Uma fratura atrapalhou sua passagem pela Ponte, onde iria jogar o Brasileiro de 1986

SERGIO BEREZOVSKY

# ENTREVISTA

**PLACAR** — *Desde sua primeira convocação, em 1987, você jogou apenas doze vezes pela Seleção. Você se julga injustiçado?*
**RAÍ** — Injustiçado, não. Mas sempre achei que tinha condições de estar no grupo. Hoje, mais do que isso, sinto que a Seleção precisa de mim. Vivo o melhor momento de minha carreira e, com minha experiência, tenho muito a contribuir.

**PLACAR** — *O que faltou ao time na Copa América?*
**RAÍ** — Não houve tempo para Falcão definir um esquema tático. Mesmo assim, ele conseguiu revelar vários jogadores. Mas é preciso dar continuidade a tudo o que se começa, o que espero que aconteça com o próximo técnico permanecendo até a Copa de 1994.

**PLACAR** — *Você joga em um time acostumado a títulos. Como o São Paulo pode contribuir para levar essa rotina para a Seleção?*
**RAÍ** — Acho que a grande contribuição do São Paulo se dá de maneira indireta, através de seu exemplo para os outros clubes. Diretamente há pouco a fazer, pois as realidades dos clubes e da Seleção são muito diferentes.

**PLACAR** — *Algumas pessoas o criticam por notarem uma certa acomodação em você. O que você acha disso?*
**RAÍ** — Realmente tive fases em que me desligava do jogo e me concentrava em problemas pessoais. Hoje, porém, isso mudou. Procuro vibrar e me concentrar mais. Com isso meu futebol cresceu bastante e acabei até me tornando um artilheiro.

**PLACAR** — *O que mudou para que você tivesse essa evolução?*
**RAÍ** — Acho que a presença de Telê Santana no São Paulo ajudou muito. Antes de sua chegada eu já vinha tentando superar essa acomodação. Com ele, isso ficou mais fácil devido a suas cobranças constantes. Se ele acha que posso render mais, cobra uma participação cada vez mais ativa nos jogos e treinamentos.

**PLACAR** — *Você é o líder do elenco nas conversas com a diretoria. Houve algum tipo de preconceito dos diretores no início de sua carreira, por temerem encontrar posições como as de seu irmão Sócrates?*
**RAÍ** — Havia um certo receio, porque os diretores sabem que as posições que o Sócrates defendia, e eu também defendo, são corretas e algum dia eles terão que ceder. Mas a situação é muito melhor do que há alguns anos. É possível manter um diálogo com os dirigentes. Por isso, percebo o bem que a geração de meu irmão fez ao futebol.

## UM MEIA QUE SABE PENSAR O JOGO

Defensor do Projeto Zico e de uma participação mais ativa dos atletas nas decisões do futebol brasileiro, o craque mostra que para jogar bem é preciso usar a cabeça

RICARDO CORRÊA

"Tive fases em que me desligava em campo, mas hoje isso mudou e até virei artilheiro"

**PLACAR** — *O que você acha da proposta de se fazer um Campeonato Paulista com 56 clubes em 1992?*
**RAÍ** — Ridícula. Não é possível colocar tantos clubes em um único campeonato.

**PLACAR** — *Os jogadores podem fazer alguma coisa para impedir que essa idéia seja aprovada?*
**RAÍ** — O Sindicato dos Jogadores de São Paulo, do qual sou diretor, vai promover debates no mês de setembro sobre o Projeto Zico. Quanto mais fizermos para aprová-lo, mais próximos estaremos de ter uma participação ativa nas decisões e, assim, evitar que esse tipo de idéia seja colocado em prática.

**PLACAR** — *Mesmo assim, as perspectivas de melhora são a médio e longo prazo. Você pensa em se transferir para o exterior?*
**RAÍ** — Penso. Acho que a experiência de conviver com outra cultura e ver o Brasil pelo lado de fora será muito válida. É uma das metas que ainda tenho no futebol. A outra é voltar à Seleção e jogar uma Copa do Mundo.

**PLACAR** — *Você já recebeu propostas concretas de transferência?*
**RAÍ** — Somente em seguida à excursão à Europa, em 1987, que marcou minha estréia na Seleção. Não fiquei sabendo quais os times que se mostraram interessados, mas houve propostas. Como eu era muito novo, tinha apenas 22 anos, meu pai achou que não era hora de deixar o Brasil e acabei trocando o Botafogo pelo São Paulo. Espero que com minha participação na Copa América voltem a surgir propostas.

**PLACAR** — *Você disse que vive o melhor momento de sua carreira. Qual foi o pior?*
**RAÍ** — Houve muitos. Mas acho que quando fui improvisado como centroavante, pelo técnico Cilinho, em 1988, passei maus momentos, tanto como jogador quanto como pessoa. Não sirvo para jogar como atacante fixo. Meu lugar é realmente o meio-campo.

# O MELHOR AINDA ESTÁ POR VIR

O sucesso inicial marcado por algumas decepções

Depois de atingir a maturidade, Raí sonha disputar uma Copa do Mundo

CARLOS FENERICH

Acostumados a dispensar um tratamento especial a toda a família real, os ingleses jamais imaginariam que um dia se sentiriam tão à vontade ao reverenciar um simples mortal. Na noite de 19 de maio de 1987, em Londres, no entanto, os súditos da rainha mostraram toda a sua educação ao aplaudir de pé um jogador que acabava de estrear na Seleção, mas mostrava que, com seu futebol clássico e de toques refinados, estava à altura de receber um tratamento digno de quem tem sangue azul. Com ele, o Brasil conseguiu um empate em 1 x 1 contra a Inglaterra e deu o primeiro passo para a conquista da Taça Stanley Rous, em 1987.

Coincidentemente, foi no mesmo Estádio de Wembley que seu irmão Sócrates fizera seu primeiro jogo na Europa, seis anos antes, contra a mesma Inglaterra. Apenas uma semana depois do jogo contra a Inglaterra, porém, é que viria a consagração definitiva de Raí na Europa. Jogando contra a Escócia desde o início do jogo, ele marcou o primeiro gol da vitória por 2 x 0 que garantiu o título do torneio.

Na Copa América, dois meses depois, nem Raí conseguiu evitar a goleada diante do Chile por 4 x 0. No mês seguinte, viria a vingança contra os chilenos nos Jogos Pan-Americanos de Indianápolis, com a vitória por 2 x 0 na prorrogação.

A volta à Seleção Brasileira aconteceu apenas este ano, na Copa América. Um retorno que marca uma nova esperança na vida do craque. "Ainda tenho uma meta na vida. Quero disputar uma Copa do Mundo."

SERGIO SADE

**OS SÚDITOS SE CURVAM**
Contra a Escócia, em 1987, Raí garantiu um título

CARLOS FENERICH

**UM FRACASSO DECISIVO**
A derrota para o Chile, em 1987, impediu mais chances

SERGIO BEREZOVSKY

**O SEGUNDO TÍTULO PARA O BRASIL**
Três meses depois de ganhar a Taça Stanley Rous, Raí ajudou a trazer o título dos Jogos Pan-Americanos para o Brasil. Um hábito que não vingou

# FICHA

**Idade:** 26 anos (15/5/1965)
**Posição:** meia-armador
**Altura:** 1,89 m
**Peso:** 87 kg
**Características:** Grande visão de jogo e lançamentos precisos, organiza todos os ataques do time. Hoje também chega à área para concluir.

Faixa de campo em que atua com mais freqüência

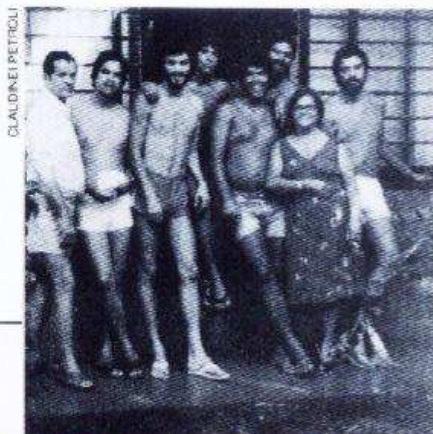
## FORA DE CAMPO

Sério, decidido e profissional. Quem conhece o jeito de Raí se comportar dentro de campo pode se espantar com sua atitude em casa. Descontraído, brincalhao, uma verdadeira criança. "Raí estraga tudo o que digo para minhas filhas de tanto brincar com elas", conta a mulher, Cristina. Mesmo com as filhas Emanuella, de 8 anos, e Raísa, de 2, porém, hora de trabalho é para trabalhar. Por isso, ele não deixa de ajudar a mais velha em seus deveres escolares nem de dar conselhos de pai à mais nova.

As raízes também não são esquecidas. Assim, sempre que pode ele vai à casa dos pais, em Ribeirão Preto, rever toda a família. Com a mulher, as diversoes vão do cinema semanal aos filmes em vídeo no aconchego de seu quarto. O quarto, na companhia da mulher ou curtindo a solidão, pode ser encarado até mesmo como seu programa preferido. "Não quero sair do meu quartinho", costuma queixar-se com freqüência. Ali, em meio a sua solidão, ele constrói sua base para poder mostrar dentro de campo toda a tranqüilidade e inteligência que o consagraram à frente do São Paulo.

RICARDO CORRÊA

**CALMA COMEÇA EM CASA**
Com a mulher, Cristina, ou ensinando a filha Emanuella: talento começa no lar

CLAUDINEI PETROLI

**MANTENDO AS VELHAS RAÍZES**
Mesmo a quilômetros de distância, Raí nao esquece a família. Quando pode, volta a Ribeirão Preto para reunir-se aos pais e irmãos


Fundador
VICTOR CIVITA
(1907 - 1990)

**Presidente:** Roberto Civita
**Vice-Presidente Executivo:** Thomaz Souto Corrêa

**Diretores de Área:**
Carlos Roberto Berlinck, Júlio Bartolo, Miguel Sanches, Oswaldo de Almeida, Ricardo Vieira de Moraes, Roberto Dimbério

**Diretor-Gerente:** Vanderlei Bueno
**Diretor Editorial:** Juca Kfouri
**Diretor de Arte:** Carlos Grassetti

REDAÇÃO
**Redator-Chefe:** Alvaro Almeida
**Editor:** Celso Unzelte
**Editor de Fotografia:** Ricardo Corrêa Ayres
**Reportagem:** Paulo Coelho
**Editores de Arte:** Afonso Grandjean e Walter Mazzucchelli (colaboradores)
**Diagramação:** André Luiz Pereira da Silva e Mônica Ribeiro (colaboradores)
**Assistentes de Produção:** Sebastião Silva e Wander Roberto de Oliveira

**Placar** é uma publicação da Editora Abril S.A. Pedidos pelo Correio: DINAP — Estrada Velha de Osasco, 132, Jardim Teresa, 06000, Osasco, SP.



Distribuída com exclusividade no país pela DINAP — Distribuidora Nacional de Publicações, São Paulo.

**ANER**

**IMPR. NA DIV. GRÁFICA DA EDITORA ABRIL S.A.**

**Presidente:** Roberto Civita
**Vice-Presidentes:** Angelo Rossi, Edgard de Silvio Faria, Ike Zarmati, José Augusto Pinto Moreira, Luiz Fernando Furquim, Placido Loriggio, Raymond Cohen, Roger Karman, Thomaz Souto Corrêa

CAPA: FOTO RICARDO CORRÊA

RAÍ
São Paulo
PENA

PLACAR

NELSON COELHO

# A FORÇA TOTAL D
# GILTON SANTE-Ú, C

E GINSENG
O LEGÍTIMO

GILTON ®

Divisão Produtos Naturais